

Esquemas imagéticos e coerência do complexo polissêmico: Exemplo do verbo *Deixar**

AUGUSTO SOARES DA SILVA
(Universidade Católica - Faculdade de Filosofia de Braga)

1. Introdução

Uma das ideias importantes em Semântica Cognitiva é a de que grande parte do nosso conhecimento não é estático, mas fundamenta-se em e é estruturado por padrões dinâmicos, não-proposicionais e imagéticos dos nossos movimentos no espaço, da nossa manipulação dos objectos e de interacções perceptivas — os chamados *esquemas imagéticos* ("image schemas"; cf. Johnson 1987, 1993 e Lakoff 1987, 1990). Os esquemas imagéticos são pois "gestalts" da experiência quotidiana, estruturas pré-conceptuais, que emergem da actividade sensório-motora e da percepção de acções e eventos. Eles ligam-se entre si através de *transformações de esquemas imagéticos* ("image-schema transformations") e podem ser metaforicamente elaborados para a conceptualização de categorias abstractas. Esquemas imagéticos e suas transformações desempenham um papel importante na significação lexical, na metáfora e nas formas gramaticais.

A importância destes conceitos na análise semântico-lexical tem sido demonstrada por alguns estudos descritivos: entre outros, destacamos o estudo pioneiro de Brugman (1981) sobre a preposição *over*, seguido por Lakoff (1987: 416-461) e melhorado por Dewell (1994), a análise de Norvig & Lakoff (1987) sobre *take* e a de Gibbs *et al.* (1994) sobre *stand*. Recentemente, Gibbs & Colston (1995) encontraram em vários trabalhos experimentais de diferentes áreas da Psicologia evidência empírica sobre a realidade psicológica dos esquemas imagéticos e das suas transformações.

* O presente estudo é uma versão adaptada e ligeiramente alterada da comunicação "image schemas and coherence of the verb category: the case of the Portuguese verb *deixar*" apresentada no 5th *International Cognitive Linguistics Conference*, que decorreu na Universidade Livre de Amesterdão, de 14 a 19 de Julho de 1997.

Neste estudo, procuraremos demonstrar a coerência semântica do verbo *deixar*, na base de esquemas imagéticos e transformações de esquemas imagéticos (este trabalho faz parte de Silva 1997).

2. O "network" semântico de *deixar*

O verbo *deixar* compreende dois grupos semânticos, duas categorias em *tensão homonímica*. Estas duas categorias opõem-se, fundamentalmente, quanto à *construção* (conceptual) do seu objecto sintáctico: *deixar*I 'suspender (activa/passivamente) a interacção com o que se caracteriza como essencialmente estático' (objecto expresso num complemento nominal) e *deixar*II 'não se opor (activa/passivamente) ao que se apresenta como dinâmico' (objecto expresso num complemento verbal; oração de infinitivo ou completiva com *que*). Elas apresentam estruturas prototípicas inversas: o centro prototípico de *deixar*I é *activo* ('abandonar') e o de *deixar*II é *passivo* ('não intervir, não impedir'). E são funcionalmente diferentes: *deixar*II (semi)gramaticalizou-se para a expressão de uma causatividade *negativa*. Não obstante esta tensão homonímica, o complexo de *deixar* apresenta uma certa coerência semântica.

Com base num "corpus", por nós elaborado, de 2858 ocorrências contextualizadas, representamos na Figura 1 a parte fundamental do "network" semântico de *deixar* (1-14 e a-c representam as variantes "básicas" de *deixar*)¹.

As duas categorias são pois estruturadas por idênticas dimensões semânticas esquemáticas (indicadas na parte superior da Figura 1): *grau* (activo com/sem intervenção prévia vs. passivo [*deixar*I e *deixar*II]) e *natureza* (espacial vs. relacional-funcional [*deixar*I e *deixar*II]) *da actividade* do sujeito, *construção* (estático [*deixar*I] vs. dinâmico [*deixar*II]) e *autonomia* (aumento [*deixar*I] vs. permanência [*deixar*II]; absoluta vs. parcial [*deixar*I e *deixar*II]) do objecto. E aproximam-se por efeitos de prototipicidade intra- e intercategoriais: existem áreas de sobreposição e dificuldades de demarcação²; além disso, os valores prototípicos projectam-se em níveis hierarquicamente superiores ('suspender activamente a interacção não-espacial', em *deixar*I; 'não intervir, passivamente', em *deixar*II). Em terceiro lugar, as duas categorias ligam-se entre si por determinadas relações semânticas, embora pouco estreitas, horizontalmente representadas na Figura 1 como (i)-(v).

3. Esquemas imagéticos de *deixar* e suas transformações e elaborações

Um quarto factor de coerência interna de *deixar*, que está na base dos anteriores, são os esquemas imagéticos, instanciados e/ou elaborados em *deixar*, e suas transformações.

No quadro de uma representação espacial de *deixar*, podemos distinguir seis esquemas imagéticos (EI), que passamos a representar na Figura 2 (P₁ e P₂ designam, respectivamente, os participantes sujeito e objecto; as setas indicam movimento).

Nos EI1,2,3, e portanto em *deixarI*, é o participante sujeito (P₁) que exerce o movimento. Pelo contrário, nos EI4,5,6, e portanto em *deixarII*, é o participante objecto (P₂) que exerce o movimento. Por outro lado, nos EI1,2,4,5 o ponto de partida do processo é uma situação de contacto entre P₁ e P₂. Pelo contrário, nos EI3,6 P₁ e P₂ estavam separados e assim continuam. A *passividade* do sujeito consiste, por conseguinte, no facto de P₁ nada fazer para eliminar esta separação, mantendo-se pois afastado de P₂. A *actividade* do sujeito consiste, em *deixarI*, num movimento de afastamento, cessando assim de estar em contacto com o objecto, e, em *deixarII*, na criação das condições necessárias para o afastamento do objecto.

Secundariamente, os EI2,5 introduzem um momento anterior, no qual em *deixarI* P₁ desloca/transporta P₂ e em *deixarII* P₂ se aproxima de P₁ e é por este bloqueado.

Podemos agora compreender melhor que os EI de *deixarI* e *deixarII* são perfeitamente inversos. Tal facto evidencia a existência de uma *transformação* de inversão dos EI das duas categorias, a qual está na base, por um lado, da tensão homonímica e, por outro, da associação das duas categorias³. Esta transformação consiste na inversão dos papéis dos dois participantes P₁ (sujeito) e P₂ (objecto), mais concretamente na inversão do participante dinâmico (o que realiza o movimento): P₁ em *deixarI* e P₂ em *deixarII*. É certo que ela se dá entre qualquer um dos respectivos pares de EI. Mas a transformação central de inversão (a mais simples e mais facilmente explicável), essa realiza-se entre 'ir embora' (EI1 - *deixarI*) e '(cessar de impedir) largar-soltar-libertar' (EI5 - *deixarII*). Com efeito, 'operar um afastamento' (ir embora) desenvolve, por inversão do participante dinâmico, 'permitir um afastamento' (permitir que x se vá embora), o qual, por sua vez, desenvolve, por implicação, 'largar-soltar-libertar'. Inversamente, 'largar-soltar-libertar' implica 'permitir um afastamento' (permitir que x se vá embora), o qual desenvolve, por inversão do participante dinâmico, 'operar um afastamento' (ir embora)⁴.

Há ainda uma outra *transformação* de inversão: é a que se dá, intracategorialmente, entre EI1 e EI3, EI4 e EI6. Trata-se agora de uma inversão do papel de P₁ (o sujeito): 'activo' (isto é, cessação da situação inicial de contacto com o objecto) em EI1 e EI4 e 'passivo' (isto é, manutenção da situação inicial de separação) em EI3 e EI6. Tendo em conta o valor prototípico das respectivas realizações semânticas dos EI de *deixar*, esta transformação de inversão toma agora uma direcção (no conjunto, duas direcções inversas): por um lado, de EI1 para EI3 e portanto da 'actividade' para a 'passividade' de P₁ de *deixarI*; por outro lado, e inversamente, de EI6 para EI4 e portanto da 'passividade' para a 'actividade' de P₁ de *deixarII*.

Um terceiro tipo de *transformações* consiste na adição/supressão de uma parte dos EI de *deixar*, nomeadamente na adição/supressão do momento anterior t₀ (de "intervenção prévia"). Há assim um alargamento do EI1 com a adição de t₀, daí resultando EI2 (esta direcção é mais saliente do que a inversa, em virtude da centralidade de EI1, exactamente incorporado em EI2); do outro lado, há uma restrição do EI5 com a supressão de t₀, daí resultando EI4 (direcção mais saliente do que a inversa, dada a centralidade de EI5 neste quadro de representação espacial).

A Figura 3 sistematiza todas as transformações de esquemas imagéticos de *deixar*.

Vejam os agora, através da Figura 4, a realização semasiológica destes seis esquemas imagéticos.

Por um lado, cada um dos EI (à excepção de EI4 e, em parte, EI6) é instanciado num (ou mais) significado naturalmente espacial de *deixar* (cf. os sentidos 1, 2, 3, 4, 9, 10, c, a)⁵. Por outro lado, todos estes EI são metaforicamente elaborados em vários domínios abstractos, resultando daí os restantes sentidos. Estes representam elaborações metafóricas do 'afastamento' *activo* ou *passivo* nos seguintes domínios: **relações interpessoais e funções sociais** (como suspensão, abandono ou ruptura); **posse** (como transferência, diversamente condicionada, de posse prototípica ou abstracta, estabelecida ou inerente, como transferência por morte, como não-apropriação); **causatividade** (como causatividade *negativa* dirigida a um processo — especificamente, uma causatividade não-interventiva (cf. a), permissiva (cf. b) ou desobstrutiva (cf. c) — ou dirigida a um estado/qualidade (cf. 6, 12, 14); secundariamente, como causatividade *factitiva* dirigida a um estado/qualidade e perspectivada como resultado (cf. 8, 13)); **permissão, moral** (como concessão de permissão); **conduta** (como passividade, negligência, relaxamento, e, enfim, desleixo — uma atitude tipicamente portuguesa), **morte** (cf. "deixar a vida", expressão eufemística para 'morrer'), **actividade mental ou psicológica** (como omissão de uma parte "lateral" de um acto mental ou psicológico: cf. *deixar de lado*; como transferência de mensagens por partida do sujeito), **tempo** (como posteridade, adiamento), **negação** (como opção negativa: optar por não continuar a agir ou optar por não agir), etc.

Como a própria Figura 4 sugere, os seis EI constituem a *base imagética* (o *fundo*) da conceptualização de *deixar*. Naturalmente, não são as suas instanciações espaciais, mas antes as suas elaborações metafóricas que constituem a saliência semântica (ocupam o primeiro plano, representam a *figura*) de *deixar*. Entre estas últimas, umas são mais prototípicas do que outras, e é neste plano que se estabelece o contraste entre um centro prototípico *activo* e um centro prototípico *passivo*. E tudo isto vem mostrar que os significados espaciais de *deixar* são conceptualmente básicos, mas não prototípicos; e mostra também a tensão homonímica entre *deixar*I e *deixar*II.

4. Transformações de esquemas imagéticos no desenvolvimento semântico de *deixar*

Vejam os, muito sumariamente, todo o processo histórico que conduziu ao complexo actual de *deixar*. O verbo *deixar* provém do étimo latino *laxare* (**daxare*) 'afrouxar, relaxar', tendo existido no português antigo sobretudo sob a forma *leixar*. Na base de um corpus de 2113 ocorrências contextualizadas (de textos do latim pós-clássico e tardio e do português antigo e clássico), pudemos verificar que foi provavelmente de 'largar-soltar-deixar ir', uma aplicação metonímica de *laxare* que se tornou prototípica por volta do séc. II d.C., que se formaram, ainda no latim tardio, os dois grupos de significados actuais⁶. A Figura 5 sistematiza os principais passos do desenvolvimento semântico do verbo latino *laxare*, em termos de transformações de esquemas imagéticos, desde a

prototipicização de 'largar-soltar-deixar ir' à formação, mais ou menos ao mesmo tempo (sécs. III-IV e VI-VII), dos dois grupos de significados⁷.

Importa fazer notar que o significado prototípico primário de *laxare*, isto é, 'largar-soltar-deixar ir' combina os dois esquemas imagéticos de *deixar* em relação de inversão: o do dinamismo do objecto (de *deixar*II) e o do dinamismo do sujeito (de *deixar*I). Com efeito, o verbo *laxare* é, primitivamente, neutro em relação às duas imagens: 'deixar alguém/algo livre' pode produzir-se ora partindo dele (imagem de *deixar*I - cf. EI4), ora permitindo que ele se vá embora (imagem de *deixar*II - cf. EI2). Embora haja uma certa dominância desta última imagem, os dois esquemas imagéticos são compatíveis com o sentido de 'largar-soltar-deixar ir' de *laxare*, sem que exista ambiguidade (isto é, polissemia). A polissemia de *laxare* correspondente à diferença entre os dois esquemas imagéticos surge depois, quando as duas instanciações de 'largar-soltar-deixar ir' desenvolvem empregos diferentes. Quer isto dizer que, do ponto de vista diacrónico, esta relação de inversão entre as duas categorias (ou esta auto-antonímia) não é um mecanismo autónomo de extensão semântica (da mesma ordem que os mecanismos de extensão metafórica e metonímica), mas é antes um acidente, um epifenómeno (porventura, um efeito de uma generalização metonímica de 'largar-soltar-deixar ir').

Seguiram-se depois duas reorganizações de protótipos. Do latim tardio ao português antigo, o desaparecimento do significado primitivo 'afrouxar, relaxar' e a desprototipicização de 'largar-soltar-deixar ir' (que não chegou a originar uma mudança onomasiológica, tal como no francês *lâcher*) deram origem à mudança de protótipos do domínio espacial para os domínios psico-social e moral, com a prototipicização, de um lado, de 'abandonar' e, do outro, de 'permitir, consentir, autorizar', e a um certo afastamento dos dois grupos organizados à volta destes dois novos protótipos, mas também motivaram a emergência de significações esquemáticas (representadas na parte superior da Figura 1), que os aproximam.

Do português antigo ao português moderno, o reforço dos valores "passivos" (maior passivização do sujeito) e a entrada tardia na língua portuguesa do verbo *permitir* dão origem à prototipicização do significado 'não intervir, não impedir' (em detrimento do significado 'permitir, consentir, autorizar') e à consequente dissimetria *activo/passivo* dos dois valores prototípicos de *deixar* (cf. Figuras 1 e 4). Por outro lado, o verbo *permitir* (hoje de um registo formal) e o galicismo *abandonar* — que ainda hoje denota um *deixar* mais forte e emotivo — projectam os significados prototípicos de *deixar* para níveis hierarquicamente superiores, e este movimento ascendente conduz à consolidação dos conteúdos esquemáticos e das relações semasiológicas intercategoriais (representadas na Figura 1).

5. Conclusão

Concluindo, esta análise mostra que os esquemas imagéticos e suas transformações são um importante factor de coerência semântica do complexo polissémico. Os esquemas imagéticos e transformações de esquemas imagéticos propostos permitem compreender uma certa coerência interna, não de um complexo semasiológico qualquer, mas de um complexo semasiológico que se situa *entre* a polissemia e a homonímia; e permitem assim evidenciar a flexibilidade e a eficiência cognitiva das categorias polissémicas. Eles permitem também compreender outros aspectos da semântica de *deixar*, aqui sumariamente indicados: as elaborações metafóricas do 'afastamento' em vários domínios abstractos, a causatividade *negativa* categorizada por *deixar*⁸, a saliência deste verbo na expressão de processos negativos, a semântica e a iconicidade das construções transitivas e causativas de *deixar*, a base espacial e as motivações da interessante história semântica de *deixar*.

Os esquemas imagéticos de *deixar* são não-proposicionais, dinâmicos e "gestalts" da experiência quotidiana; por outro lado, incorporam esquemas imagéticos que têm sido estudados em Linguística Cognitiva: por exemplo, *ligação, contacto, separação, distância, parte-todo*; esquemas imagéticos de orientação espacial, tais como *ir embora, atrás, de lado, fora*; esquemas imagéticos de força, como *ausência de impedimento, remoção do bloqueio, ruptura, afrouxamento*. E as transformações de esquemas imagéticos de inversão e de adição/supressão, embora não se encontrem na respectiva literatura, são simples e naturais.

Apesar de tudo, só estudos psicolinguísticos poderão justificar a realidade psicológica dos esquemas imagéticos e suas transformações que propusemos para *deixar*. Por outro lado, e tal como este estudo também sugere, a análise semântico-lexical ganhará sempre com a integração de esquemas imagéticos e de outros meios descritivos da Semântica Cognitiva, tais como o modelo do protótipo e o modelo do "network".

FIGURAS:

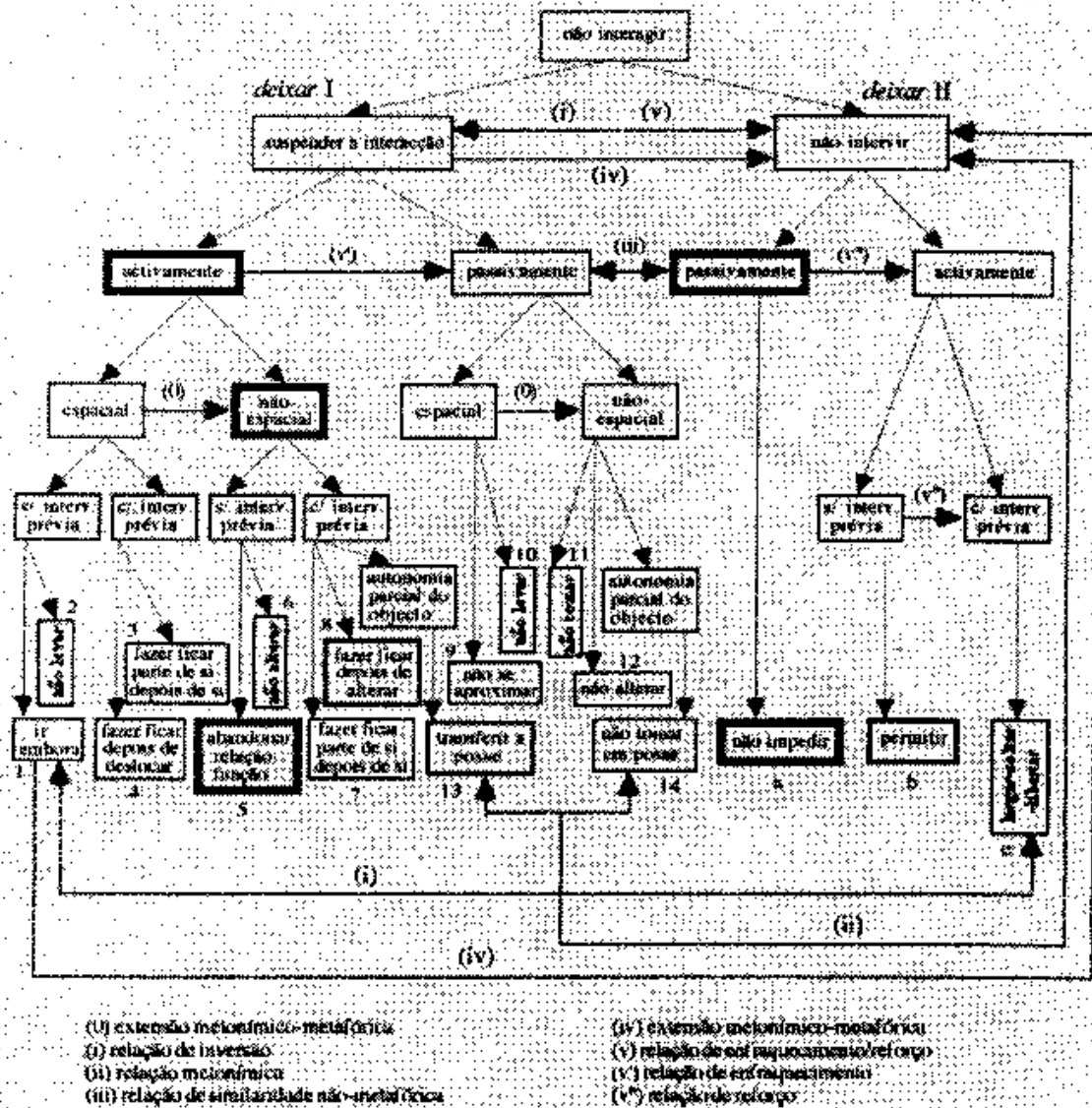


Figura 1. "Network" de *deixar*

Exemplos das variantes básicas 1-14 e a-c:

- 1 O João deixou a sala, quando ela entrou.
- 2/4/10 Ele deixou os livros em cima da mesa.
- 3 O assaltante deixou marcãs de sangue no chão.
- 5 O João deixou a sua mulher / a empresa.
- 6/8/12 O João deixou a porta aberta / a Maria passante.
- 7 Ele deixou (nos) muitas saudades / uma fortuna / A ferida deixou uma cicatriz.
- 9 Deixei Lisboa à direita e segui para Évora.
- 11 Ele comen o lume e deixou as batatas.
- 13 O pai deixou-lhe uma casa no Algarve / os filhos ao meu cuidado.
- 14 Deixa-me borado da bola para o teu irmão / o problema para os especialistas.
- a O João pôs-se a dizer disparates, e eu deixei-o dizer.
- b O João pediu-me para ir ao cinema, e eu deixei-o ir.
- c Ele deixou o pézaro vou / caiu o copo / as rédeas do cavalo.

	activamente	passivamente
DEIXAR I suspender a interacção com o que se caracteriza como estático	EI 1: sem interv. prévia ('ir embora') 	EI 3: ('não se aproximar')
	EI 2: com interv. prévia ('fazer ficar depois de deslocar') 	
DEIXAR II não se opor ao que se caracteriza como dinâmico	EI 4: sem interv. prévia ('permitir') 	EI 6: ('não impedir')
	EI 5: com interv. prévia ('largar soltar libertar') 	

Figura 2. Representação dos seis Esquemas Imagéticos de *deixar*

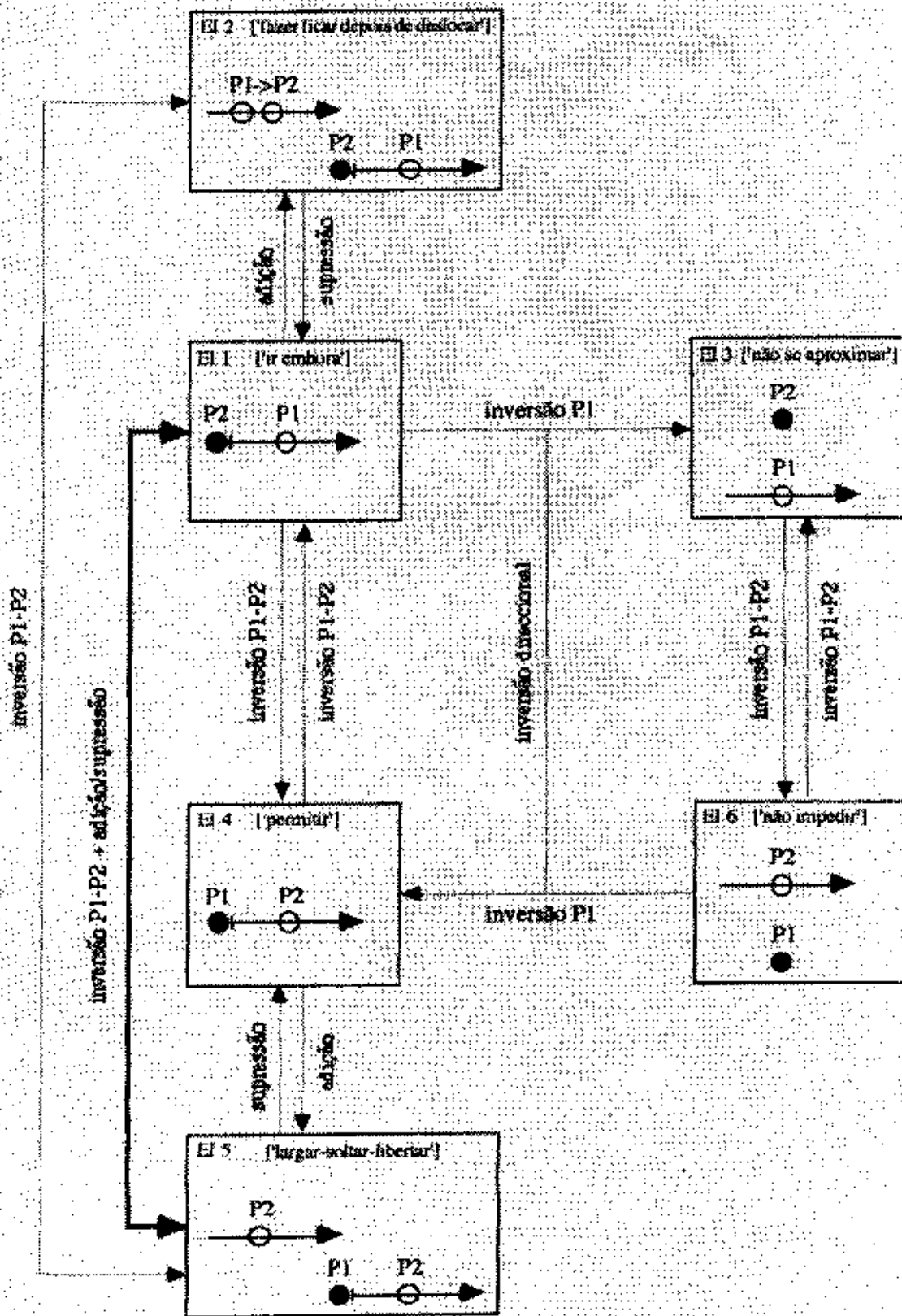


Figura 3. Transformações de esquemas imagéticos de *deixar*

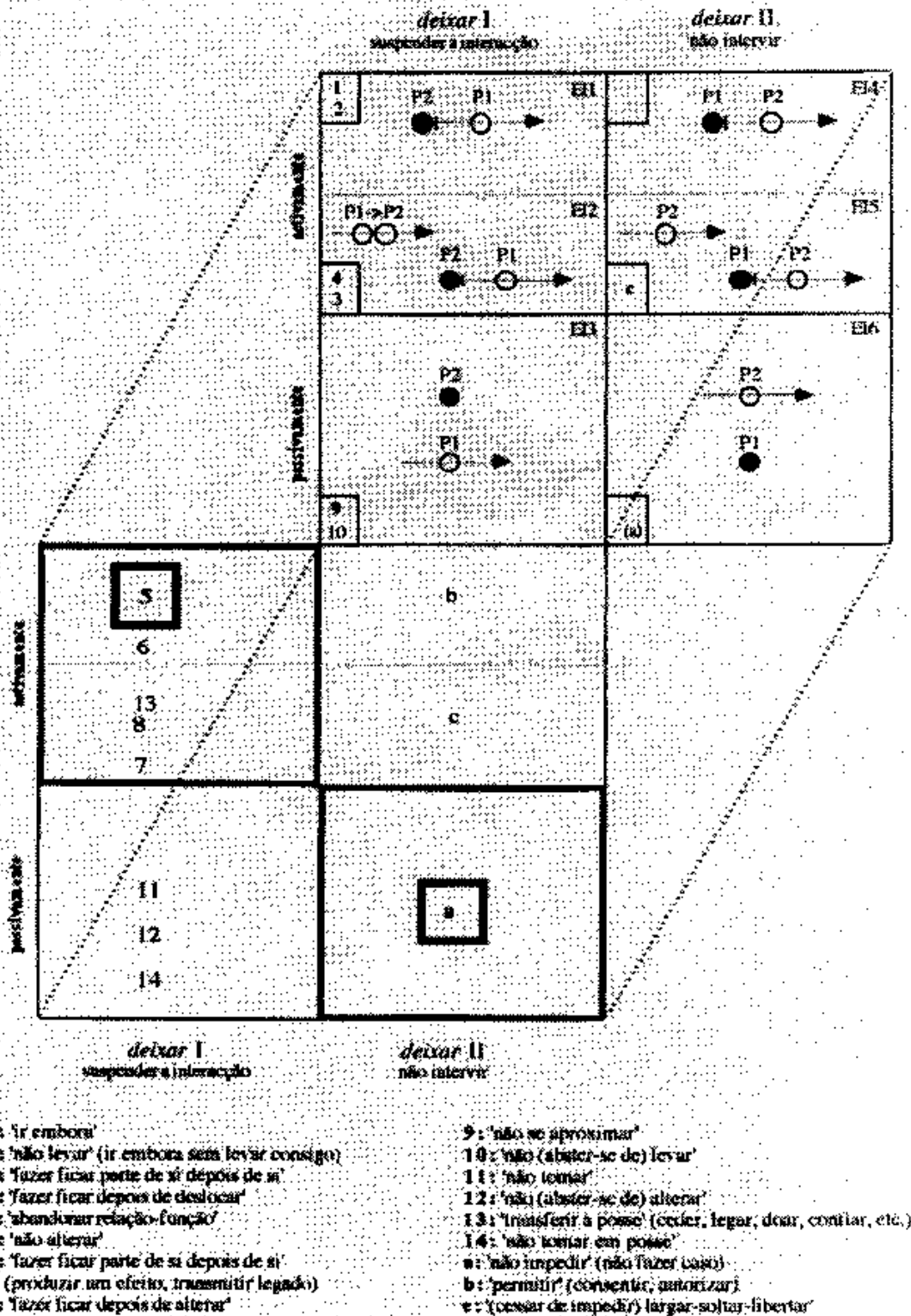
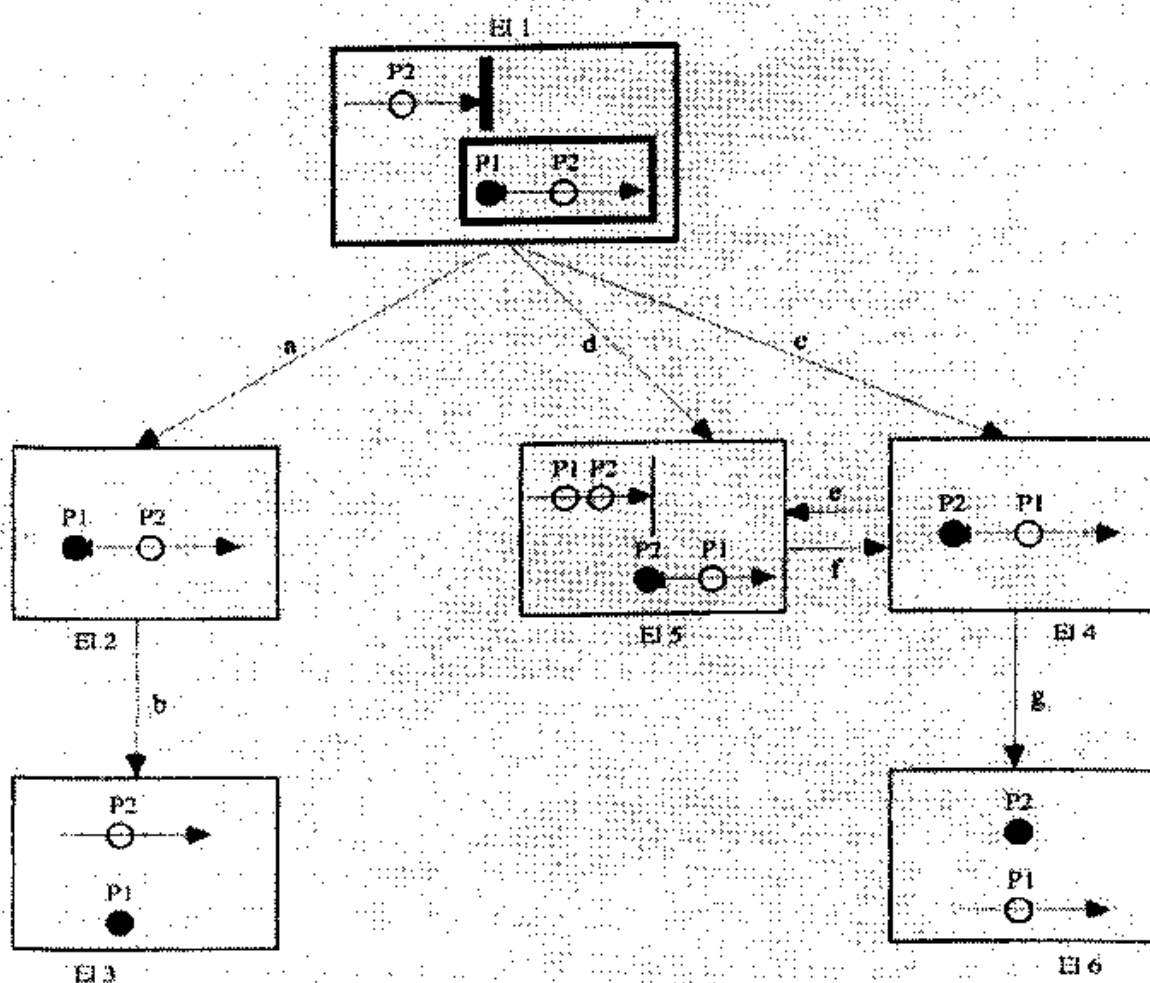


Figura 4. Esquemas Imagéticos de *deixar* e suas elaborações metafóricas



- EI 1: 'largar-soltar-deixar ir'
- EI 2: 'conceder (dom, direito), perdoar',
'permitir, consentir, autorizar' (*deixar* + INF)
- EI 3: 'não se opor, passivamente' (*deixar* + INF)
- EI 4: 'afastar-se, abandonar'
'afastar-se sem levar consigo (sem alicer)'
- EI 5: 'afastar-se depois de ter deslocado'
'afastar-se depois de ter alterado'
'afastar-se depois de ter transferido a posse:
ceder, legar-donar'
- EI 6: 'não se aproximar'
'abster-se de levar (/'dê altera)'

- P 1: sujeito
- P 2: objecto directo
- a: supressão de T0
- b: inversão P1
(passivização do papel de P1)
- c: supressão de T0 + inversão P1-P2
- d: inversão P1-P2
- e: adição de T0
- f: supressão de T0
- g: inversão P1
(passivização do papel de P1)

Figura 5. Transformações de Esquemas Imagéticos no desenvolvimento semântico de *deixar*.

NOTAS:

1. "Network" (rede) é um modelo de representação da estrutura das categorias, sob a forma de uma hierarquia (mas não taxonómica), que dá conta de elementos (significações ou referentes) esquemáticos e prototípicos, de relações de esquematização/especialização e de extensão (de tipo metafórico, metonímico, ou outro). Veja-se Langacker (1987: 377-386; 1988a,b). Entenda-se a definição "suspender passivamente a interacção" no sentido de 'suspender a intenção de interagir' ou 'não interagir'; e "suspender activamente a interacção" como 'suspender a interacção existente' ou 'não mais interagir'. Leiam-se as variantes passivas (10), (11) e (12) como 'abster-se de levar/tomar/alterar' e as variantes activas (2) e (6) como 'ir embora, abandonar sem levar / sem alterar'; leia-se a variante (c) como 'cessar de impedir: largar-soltar-libertar'. Para alguns dos sentidos mais específicos de *deixar*, ver Figura 4. Na diferenciação das variantes básicas de *deixar*I — bem como no seu respectivo relacionamento, que, não obstante, a estrutura hierárquica que aqui propomos não deixa perceber directamente —, intervêm também os diferentes esquemas sintáctico-semânticos: o bivalencial com objecto locativo ou não-locativo (cf. variantes 1,9 e 5,3,7,11) e os trivalenciais locativo (cf. 2,4,10), predicativo (cf. 6,8,12) e dativo (cf. 13,14). Pelo contrário, as diferenças de construção sintáctico-semântica de *deixar*II (completiva de infinitivo VOV, com infinitivo flexionado e não-flexionado, e VVO; e completiva com *que*) pouca importância têm na diferenciação das suas variantes básicas.
2. Por exemplo: *deixar alguém na dúvida*, na interpretação da 'passividade' do sujeito, é um caso periférico de *deixar*I, visto que, embora "na dúvida" seja construído como um *estado* em que o objecto se encontra, é bem possível imaginar que haja actividade da parte do objecto, no sentido de este se questionar, tentar encontrar uma solução; e *deixar alguém enganar-se* é um caso periférico de *deixar*II, já que esta *actividade* do objecto não é prototípica, isto é, não é voluntária, consciente, nem benéfica.
3. Uma inversão (ou uma outra relação antonímica), não só dissocia, como também aproxima, visto que qualquer oposição pressupõe uma similaridade entre os elementos contrastantes.
4. Só já no plano da realização semasiológica dos esquemas imagéticos em causa, e em virtude da gramaticalização de *deixar*II, é que esta inversão P₁ - P₂ se orienta de 'ir embora', e portanto de *deixar*I, para 'largar-soltar-libertar' ou *deixar*II. É portanto nesse plano que se estabelecem restrições à simetria própria de uma relação de inversão.
5. Os sentidos 'não levar' (ou 'afastar-se sem levar consigo') e 'abster-se de levar' resultam de uma *transformação* de trajectores múltiplos (que também se aplica a 'fazer ficar parte de si depois de si'), apresentando por isso um trajector secundário; e também de uma extensão metonímica por perspectivação de uma implicação dos sentidos correspondentes ('ir embora' e 'não se aproximar').
6. Para a descrição completa e pormenorizada da história semântica de *deixar*, ver Silva (1997: cap. 4). Em Silva (1996), encontra-se uma síntese da "segunda parte" da história de *deixar*, constituída pelas duas reorganizações de protótipos sumariamente apontadas a seguir.
7. No plano da realização semasiológica, aos passos deste desenvolvimento correspondem as seguintes relações de extensão semântica: a. extensão metonímico-metafórica, b. enfraquecimento (da actividade do sujeito) ou passivização, c. inversão (e extensão metafórica para o sentido não-espacial de 'abandonar') d. reanálise (da estrutura Circunstante Locativo - OD - *laxare* ['largar-soltar, num lugar'] para a estrutura Actante Locativo - OD - *laxare*) e inversão (e ainda especialização metonímico-metafórica no domínio da transferência de posse), e. reforço (da actividade do sujeito), f. enfraquecimento (da actividade do sujeito), g. enfraquecimento (da actividade do sujeito) ou passivização.
8. Sobre a causatividade *negativa* e a sua expressão em *deixar*, ver Silva (1997: cap. 5).

BIBLIOGRAFIA:

- BRUGMAN, Claudia (1981), *Story of OVER*, Master's thesis, Berkeley: University of California.
- DEWELL, Robert B. (1994) "Over again: image-schema transformations in semantic analysis", *Cognitive Linguistics* V-4, 351-380.
- GIBBS, Raymond W., Dinara Beitel, Michael Harrington & Paul Sanders (1994), "Taking a stand on the meanings of *stand*: bodily experience as motivation for polysemy", *Journal of Semantics* 11, 231-251.
- GIBBS, Raymond W. & COLSTON, Herbert L. (1995), "The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations", *Cognitive Linguistics* VI-4, 347-378.
- JOHNSON, Mark (1987), *The Body in the Mind. The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*, Chicago: The University of Chicago Press.
- (1993), *Moral Imagination. Implications of Cognitive Science for Ethics*, Chicago: The University of Chicago Press.
- LAKOFF, George (1987), *Women, Fire, and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind*, Chicago: The University of Chicago Press.
- (1990), "The Invariance Hypothesis: is abstract reason based on image-schemas?", *Cognitive Linguistics* I-1, 39-74.
- LANGACKER, Ronald (1987), *Foundations of Cognitive Grammar*, Vol. I, *Theoretical Prerequisites*, Stanford: Stanford University Press.
- (1988a) "A view of Linguistic Semantics", in B. Rudzka-Ostyn (ed.), *Topics in Cognitive Linguistics*, Amsterdam: John Benjamins, 49-90.
- (1988b) "A usage-based model", in B. Rudzka-Ostyn (ed.), *Topics in Cognitive Linguistics*, Amsterdam: John Benjamins, 127-161.
- NORVIG, Peter & LAKOFF, George (1987), "Taking: a study in lexical network theory", *Proceedings of the Thirteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society*, 195-206.
- SILVA, Augusto Soares da (1996), "A mudança semântica como reorganização de protótipos: o verbo *deixar*", *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Vol. I, Lisboa: Colibri, 317-327.
- (1997), *A Semântica de DEIXAR. Uma contribuição para a abordagem cognitiva em Semântica Lexical*, Dissertação de Doutoramento, Braga: Universidade Católica Portuguesa.